

## **VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O Trabalho no Século XXI. Mudanças, impactos e perspectivas.**

**GT 18** - Psicologia Social Del Trabajo En América Latina: Identidades y procesos de subjetivación, salud de los trabajadores, prácticas y producción de sentidos en lo cotidiano.

### **O TRABALHO E A VIDA COTIDIANA DE MULHERES TRANSEXUAIS**

HELOISA APARECIDA DE SOUZA  
MARCIA HESPANHOL BERNARDO

# **O TRABALHO E A VIDA COTIDIANA DE MULHERES TRANSEXUAIS**

## **RESUMO**

Esse trabalho visa a estudar a inserção de mulheres transexuais no mercado de trabalho, busca-se identificar os principais desafios enfrentados e os impactos subjetivos da atividade laboral (ou ausência dela) sobre a vida dessas pessoas. Utilizando o enfoque da Psicologia Social, a transexualidade é concebida com uma visão crítica, buscando fugir das concepções patologizantes e preconceituosas que são predominantes e o tema trabalho é abordado como um elemento fundamental na constituição do sujeito, porém, repleto de contradições. O estudo aborda os inúmeros preconceitos e discriminações impostos para as pessoas que fogem dos padrões de gênero vigentes e aponta para as constantes negociações que as transexuais precisam realizar com as rígidas normas sociais para conseguirem ingressar no mercado de trabalho e garantir a satisfação em sua vida cotidiana.

Entre as diversas e rígidas normas de condutas que servem para regular e disciplinar o comportamento dos sujeitos em nossa sociedade (Foucault, 1979) há aquelas normas relacionadas ao gênero e à sexualidade. Essas são conhecidas como heteronormativa e se caracterizam por possuírem regimentos ancorados em padrões heterossexuais que são concebidos de forma natural, ideal e compulsória a todos os membros, dificultando o acolhimento das formas de expressão de gênero que não derivem diretamente do que é esperado para um determinado sexo anatômico e considerando como desvio de conduta qualquer outro tipo de manifestação da sexualidade (Berlant e Warner, 2002).

Entre os grupos que sofrem grandes preconceitos e discriminação por causa das normas de gênero encontra-se o das (dos) transexuais. A transexualidade é caracterizada, principalmente, pelo fato de os indivíduos se sentirem pertencentes ao sexo oposto da sua constituição anatômica, possuindo repulsa pela sua aparência física e a constante obstinação em obter as características corporais e comportamentais do outro sexo (Chaves, 1994 e Ramsey, 1996).

As mulheres transexuais, apesar de terem nascido com a constituição física considerada masculina, se identificam desde tenra infância com o gênero feminino, adotando a aparência e o comportamento característicos de mulheres. Em geral, desde crianças, as transexuais são punidas pelos pais e pela sociedade por não corresponderem às expectativas para o seu sexo biológico. Sentem-se discriminadas e excluídas no contexto escolar, o que leva grande parte delas a abandonarem os estudos. Na vida adulta, a baixa escolaridade e os preconceitos geram grandes dificuldades para acessar o mercado de trabalho. Desta forma, nesse trabalho procuramos discutir a relação entre dois elementos que são considerados essenciais para a constituição do sujeito em nossa sociedade: a identidade de gênero e o trabalho.

A identidade de gênero, mesmo sendo compreendida, na esfera subjetiva, como a percepção que o outro e o próprio indivíduo têm de sua condição, possui sua base nas rígidas práticas institucionais e nos discursos. Pode, desta forma, ser considerada uma construção discursiva e regulatória, que nega o “diferente” ao mesmo tempo em que depende dele para constituir a normatização, pois é a partir do que é considerado diferente que são demarcados os limites e a coerência identitária (Louro, 2011).

Por sua vez, a ocupação profissional é um elemento muito importante para determinar a forma como o indivíduo se identificará e se posicionará perante a sociedade. O trabalho ocupa um lugar de destaque, oferecendo elementos que determinam o grau de independência e emancipação do sujeito, interferindo diretamente na forma como a pessoa se reconhece e se posiciona perante a sociedade. Entretanto, estar empregado não é sinônimo de tranquilidade e de plena inserção social. A forma como o trabalho é arranjado e explorado na atualidade, frequentemente, o transforma em motivo de desvalorização, invisibilidade, sofrimento e adoecimento dos trabalhadores.

São a partir das complexas condições de trabalho predominantes na contemporaneidade que partirão nossas análises sobre a inserção das mulheres transexuais no universo profissional. Consideramos que os desafios do mundo do trabalho são comuns para todos os trabalhadores, porém, para as participantes de nossa pesquisa, somam-se a esses desafios as dificuldades geradas pelo não enquadramento às normas de gênero vigentes.

Seligmann-Silva (2011), afirma que as experiências de sofrimento social – que são aqueles sofrimentos provocados pelas injustiças, exclusões, conflitos, preconceitos, desigualdades sociais e desrespeito aos direitos humanos e à cidadania – afetam diretamente a identidade e as perspectivas de vida do indivíduo, consumindo sua autoimagem e conduzindo ao adoecimento físico e mental. Desse modo, o presente trabalho é motivado pelo entendimento de que os tabus e os preconceitos sociais relacionados ao gênero estão presentes no mercado de trabalho de maneira clara ou implicitamente, imprimindo diversos sofrimentos, que se expressam no cotidiano das pessoas. Assim, teve por **objetivo** identificar e analisar os impactos subjetivos da vida laboral (ou ausência dela) sobre a vida cotidiana de mulheres transexuais.

Considerando que esse tema dificilmente seria acessado satisfatoriamente em um exclusivo campo predeterminado de estudo, optou-se por adotar a **concepção metodológica** de “campo-tema”, conforme definida por Spink (2003). Essa forma de realizar o trabalho de campo na psicologia social se caracteriza principalmente por não eleger um único e específico espaço físico como foco de estudo, buscando acessar o tema nos mais variados contextos nos quais ele possa se manifestar, observando e analisando a

sua presença no cotidiano e estabelecendo um diálogo contínuo com o assunto, sem o reconhecimento de fronteiras físicas.

De acordo com Spink (2003), o campo-tema investigado é concebido como um produto social, por isso não pode ser compreendido como uma realidade absoluta e independente do pesquisador. Essa concepção se aproxima daquela defendida por Heller (2000), que apresenta a vida cotidiana como sendo um emaranhado de relações sociais com determinantes multifatoriais e dinâmicos.

Desta forma, os dados necessários para a presente pesquisa foram extraídos de diversas fontes: documentos públicos, programas de televisão, blogs na internet, documentários, entrevistas em profundidade, conversas informais, entre outras. A análise dos fatos procurou valorizar a subjetividade e outros aspectos não mensuráveis, flexíveis e dinâmicos, lidando com uma gama enorme de significados, tais como: aspirações, motivos, crenças, atitudes e valores, sem, no entanto, menosprezar o rigor científico.

Com relação aos **resultados da pesquisa**, podemos dizer que, por meio do contato com as mulheres transexuais foi possível verificar que, frequentemente, a dificuldade para a sua inserção profissional tem origem no ambiente escolar. A escola apresenta-se como um espaço muito adverso para elas, oferecendo vivências marcadas por preconceitos, desrespeito, humilhação e isolamento. Desse modo, gera aversão e leva muitas delas a abandonarem os estudos precocemente, apresentando-se mais tarde com pouco preparo para o ingresso no exigente mercado de trabalho.

A essa dificuldade soma-se o intenso desconforto ao terem que se apresentar com um nome masculino na busca por emprego, apesar de terem características totalmente femininas. Isso ocorre porque, no Brasil, há uma enorme burocracia para se conseguir a alteração de nome e gênero nos documentos oficiais, mesmo no caso daquelas que já se submeteram a cirurgia de readequação das genitálias.

Com todas essas dificuldades, o ingresso no mercado formal de trabalho não é nada simples para elas e, por isso, é visto como uma grande conquista, mesmo quando se trata de um trabalho precário. Muitas se submetem durante muito tempo a condições de trabalho ruins para poderem ter um salário mensal e a carteira profissional assinada. O teleatendimento é uma dessas atividades. Trata-se de um setor, que, devido à escassez de

mão de obra e a realização de atendimento a distância, é menos rigoroso na exigência de perfil físico dos profissionais selecionados. Assim, muitas transexuais com escolaridade intermediária conseguem emprego como atendentes de call centers. Porém, são obrigadas a experimentarem uma rotina de grande exploração e controle no ambiente de trabalho.

Outra área que impõe menos resistência para a absorção da mão de obra das mulheres transexuais é a de moda e beleza, principalmente na ocupação de cabeleireiras. Nesse espaço, as transexuais podem manifestar mais livremente sua identidade de gênero e sofrem menos preconceitos e julgamentos. Por outro lado, os vínculos de trabalho são prioritariamente informais.

A prostituição representa outra ocupação que permite que as transexuais assumam sua identidade de gênero. Porém, não podemos esquecer que se trata de uma atividade marcada por estigmas sociais e considerada de muito alto risco para quem a pratica.

Assim, esse estudo nos permitiu verificar que é evidente que a comum postura existente em nossa sociedade de tomar posicionamento moral frente ao que é diferente, baseando-se em falsos juízos de valores e no comodismo (Heller, 2000), imprime à trajetória de vida das mulheres transexuais inúmeros preconceitos, discriminações nos mais diversos ambientes e, conseqüentemente, uma grande dificuldade de acesso ao mercado de trabalho.

No entanto, essa realidade não faz das transexuais vítimas passivas dos preconceitos. Certamente o fato de elas tentarem subverter as normas de gênero (Butler, 2003) faz com que haja a tentativa de exclusão das transexuais nos mais diversos contextos sociais. Entretanto, foi possível perceber que a maioria das transexuais contatadas no transcorrer da pesquisa se posiciona em constante negociação com as normas sociais, buscando amenizar os efeitos dos preconceitos em seu dia-a-dia de diversas formas e procurando sentido nas atividades profissionais por elas desempenhadas.

## **BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL**

Berlant, I. E & Warner, M. (2002). Sexo em Público. In: Jiménez, R. M. M. (Ed.) Sexualidades Transgressoras. Barcelona: Icaria.

- Bernardo, M. H. (2009). *Discurso flexível, trabalho duro: o contraste entre a vivência de trabalhadores e o discurso de gestão empresarial*. São Paulo: Expressão Popular.
- Butler J. (2003) Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Chaves, A. (1994). *Direito à vida e ao próprio corpo*. São Paulo: Tribunais.
- Foucault, M. (1997) Microfísica do Poder. 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal.
- Heller, A. (2000). *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra.
- Louro, G. L. (2001). *Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação*. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 9, n. 2
- Ramsey, G. (1996). *Transexuais: perguntas e respostas*. São Paulo: GLS.
- Rockwell, E. (1986) Etnografia e a Teoria na Pesquisa Educacional. In Ezpeleta, J. & Rockwell, E. Pesquisa Participante (pp.38-43). São Paulo: Cortez.
- Seligmann-Silva, E. (2011). *Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo*. São Paulo: Cortês.
- Spink, P. K. (2003). *Pesquisa de Campo em Psicologia Social: Uma Perspectiva Pós-Construcionista*. Psicologia e Sociedade, v.15, n. 2.